

# almofariz

## > A peça

Fragmento de bordo de almofariz, em forma de aba, com a marca do oleiro impressa na parte superior. Corresponde a uma forma aberta de paredes espessas, baixa e robusta, com cerca de 46 centímetros de diâmetro interno. Conserva o arranque do bico vertedor, um sulco horizontal junto à ligação deste com a parede da peça, bem como uma marca de oleiro: *DIONYS(I) DOM LUCILI*.

Produzido em cerâmica comum, tem uma pasta grosseira na qual se incluem vários elementos não plásticos, tais como quartzos. Particularmente visíveis na face interior da parede, estes elementos criam uma superfície rugosa ideal para tarefas de moagem.

A sua produção é datável entre 123 a 135 d.C., sendo proveniente das oficinas da família *Domitii* no vale do Tibre, perto de Roma.



Fragmento BPLX – AMF-2 | © Artur Rodria

## ✓ O grupo

Os almofarizes constituem um grupo cerâmico bastante difundido em época romana e tinham como principal função a preparação culinária. Utilizados habitualmente para moer e macerar alimentos, em especial ervas e condimentos, e, em menor escala, pão e queijo, também foram empregues noutras atividades como a preparação de pigmentos ou de medicamentos. De forma a facilitar a moagem, realizada com auxílio de um pilão, as superfícies internas eram rugosas ou irregulares, por vezes com vários sulcos horizontais ou, como no caso deste almofariz, com pequenos elementos pétreos incrustados.

Esta forma específica de almofariz recebeu a denominação arqueológica de Dramont D2 por se encontrar abundantemente representada no naufrágio com o mesmo nome ocorrido ao largo da costa francesa.

A sua presença foi detetada numa grande parte do Império Romano em contextos dos primeiros séculos depois de Cristo, conhecendo-se exemplares de sítios tão distintos como a Croácia, Itália ou Espanha. A descoberta de marcas de oleiro é, contudo, uma situação menos habitual, contabilizando-se em Portugal menos de uma dezena de ocorrências até à data.

Os almofarizes em cerâmica eram designados por *mortaria fictilia*, diferenciando-se assim dos seus congéneres em pedra, como os *mortaria marmorea* – em mármore – ou *mortaria plumbea ou aerea* – exemplares de chumbo, cobre ou bronze. A sua popularidade na cozinha romana refletiu-se na literatura da época, na qual o melhor exemplo é *De re conquinaria*, um dos primeiros compêndios de culinária conhecidos, cuja autoria é atribuída a Marcus Gavius Apicius e que menciona a utilização dos almofarizes na preparação de várias receitas.



Reconstituições 3D | © Illusive



## ^ O achado

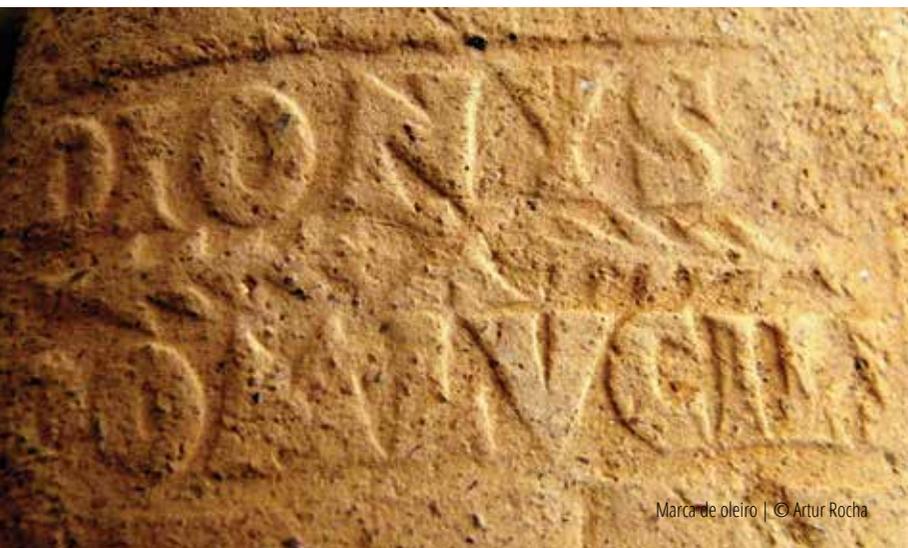
Esta peça foi recolhida nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na parte central do quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal, a escassa distância da atual galeria museológica, perto dos 5 metros de profundidade. Estas camadas depositaram-se maioritariamente entre os séculos I a IV d. C., em época romana imperial, contendo muitos materiais associados à atividade marítima, incluindo importações de cerâmica como este almofariz.

## ✓ Outras informações

A marca de oleiro presente na peça, *DIONYS(I) DOM LUCILI*, permite-nos conhecer o seu autor, um oleiro de nome Dionysius e a proprietária da oficina (figlina), Domitia Lucilla, herdeira dos *Domitii*, uma das linhagens de Roma Antiga que mais se destacou na produção de cerâmica de construção e produtos subsidiários como os almofarizes. Das várias oficinas desta família, situadas no vale do Tibre a Norte de Roma, saíram uma parte considerável dos ladrilhos utilizados em obras como as Termas ou o Mercado de Trajano.

O período de atividade deste Dionysius encontra-se testemunhado em alguns dos ladrilhos que assinou pois estes contêm a data do consulado em que foram produzidos. Um primeiro data de 123 d.C., consulado de Quintus Articuleius Paetinus e Lucius Venuleius Apronianus Octavius Priscus, e outro em 134 d.C., consulado de Lucius Iulius Ursus Servianus e de Titus Vibius Varus III, devendo a produção deste almofariz ter ocorrido nesse intervalo de tempo ou num momento próximo.

Por se tratar da mãe do imperador Marco Aurélio, Domitia Lucilla, a proprietária da *figlina*, é uma personagem historicamente bem conhecida, inclusivamente pelas referências que o imperador lhe faz em diversas cartas trocadas com o seu tutor.



Marca de oleiro | © Artur Rocha



Marca de Dionysius | HUBNER, E. (1885) – *Exempla scripturae epigraphicae Latinae a Caesaris dictatoris morte ad aetatem Iustiniani consilio et auctoritate Academiae litterarum regiae Borussiae. Berolini, p. 440.*